



montebravo

Carta mensal

Outubro 2026

Juros Mais Altos no Mundo com Reprecificação Eleitoral no Brasil

Juros globais sob pressão

Setembro foi marcado por movimentos distintos entre os mercados globais e domésticos.

No exterior, a continuidade do conflito no Oriente Médio, a alta do petróleo e o início de um novo ciclo de elevação dos juros pelo Federal Reserve provocaram uma reprecificação importante da curva americana. O Treasury de 10 anos subiu pouco mais de 50 pontos-base, predominantemente pela abertura dos juros reais. Ao mesmo tempo, o dólar se fortaleceu, o preço do ouro corrigiu e as commodities avançaram, lideradas por energia.

Apesar do choque nos juros, as ações mostraram resiliência. O S&P 500 recuou apenas 0,5% em setembro e o Nasdaq permaneceu positiva, refletindo um crescimento econômico saudável e resultados corporativos robustos. Nossa leitura é que a abertura das curvas refletiu principalmente uma reprecificação da política monetária — os Fed Funds Rates estão um pouco mais altos e por mais tempo se comparado a meados de 2026, diante do choque de energia — e não uma deterioração relevante dos fundamentos.

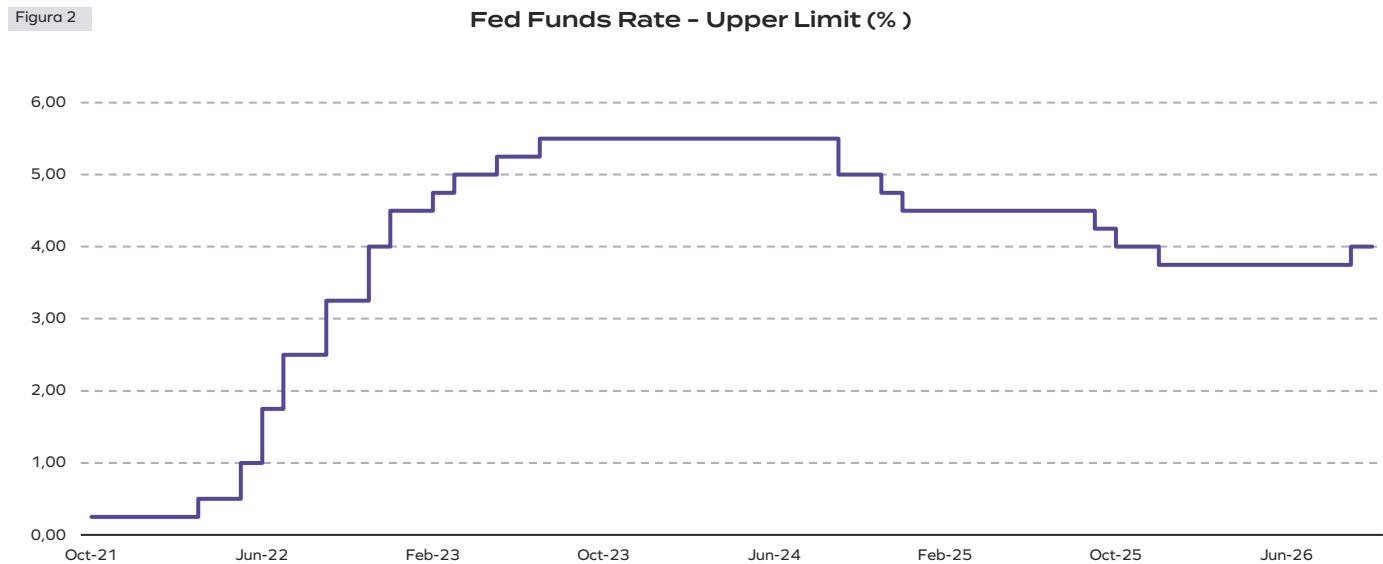
Essa dinâmica também resume boa parte do ano. Petróleo e commodities tiveram forte valorização, os juros reais americanos subiram e o dólar se fortaleceu. Ainda assim, as

principais bolsas globais acumulam desempenho positivo, sustentadas pelos lucros e, particularmente nos Estados Unidos, pelos investimentos associados à inteligência artificial e aos ganhos de produtividade.

Fed: um Fed *hawkish* não implica altas de juros expressivas

Nosso debate no mês esteve na interpretação do movimento dos juros americanos. O Federal Reserve elevou a taxa básica em 25 p.b., para a faixa de 3,75% a 4,00% — a primeira alta desde 2023 (Figura 1). A decisão materializou uma mudança que outros bancos centrais já vinham sinalizando: diante do choque de energia, apenas uma comunicação mais dura começava a perder efetividade.

Ainda assim, nossa leitura permanece sendo a de altas preventivas — para não contaminar as expectativas de inflação — e não de um novo ciclo expressivo de aperto monetário. O Fed parece disposto a elevar moderadamente os juros e mantê-los altos por mais tempo para preservar a ancoragem das expectativas. No entanto, s dados não sugerem uma mudança drástica na postura monetária, como a observada em 2022 (Figura 1):



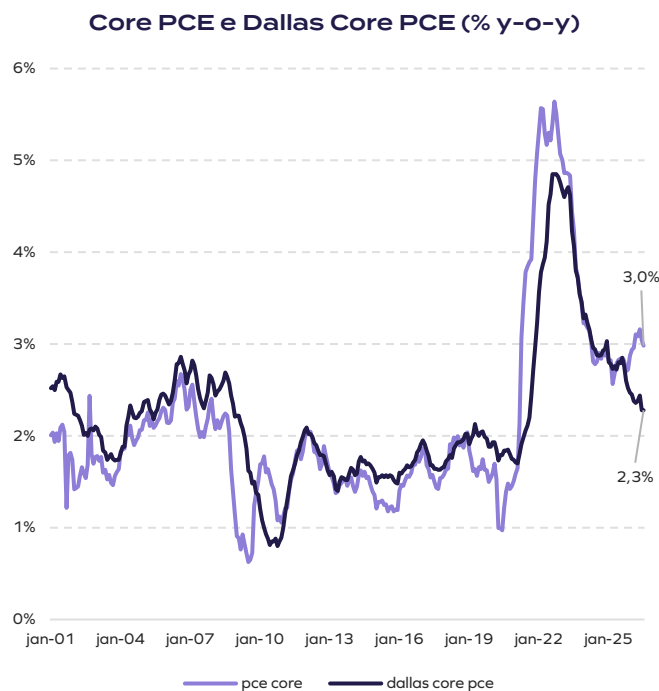
Fonte: Fred St Louis

Há três razões principais: (i) as expectativas de inflação seguem relativamente bem ancoradas; (ii) a inflação subjacente continua mais benigna, com o *Trimmed Mean PCE* do Fed de Dallas em 2,2% no acumulado em 12 meses e variações mensais anualizadas abaixo de 2% entre junho e agosto (Figura 2); e (iii) não observamos uma mudança

fiscal nos EUA que justifique uma alteração tão relevante do nível estrutural de juros reais, como visto recentemente (Figura 3).

O fiscal pode se tornar um problema maior após a próxima recessão global, mas provavelmente os juros cairiam antes de voltar a subir nesse ambiente.

Figura 2

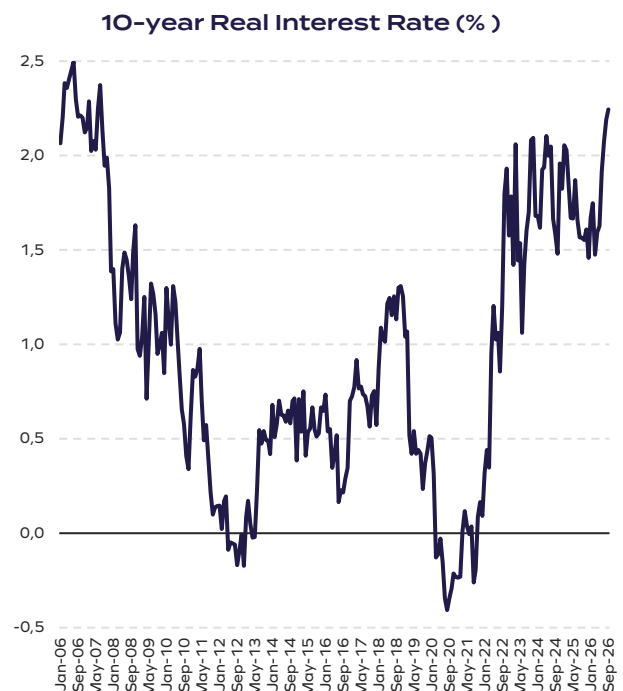


O contraponto permanece sendo o petróleo. Embora o fluxo de exportações do Oriente Médio tenha se recuperado, os preços ainda incorporam o risco de nova escalada e a recomposição de estoques mantem o petróleo sob pressão, assim como a inflação corrente e os bancos centrais.

Duration dos títulos com cautela, risco ainda atrativo

Por isso, apesar de a assimetria da renda fixa global ter melhorado, ainda não recomendamos um aumento relevante de *duration*. Em algum momento, acreditamos que haverá espaço para juros mais baixos — seja pela normalização dos preços do petróleo, pela desaceleração da atividade ou por ambos. Enquanto a atividade seguir forte e a incerteza sobre a oferta de energia permanecer elevada, porém, não vemos necessidade de antecipar esse processo.

Figura 3



Nossa preferência continua nos vencimentos intermediários, nominais e reais. Mantemos também uma visão positiva para ações globais. O crescimento dos lucros permanece saudável e os investimentos em inteligência artificial seguem criando um choque positivo de produtividade.

Mesmo após a valorização dos últimos anos, não vemos *valuations* extremos que justifiquem uma redução do risco, embora a concentração do S&P 500 tradicional também recomende estratégias mais equilibradas de papéis da bolsa americana — como o *S&P Equal Weight*.

Apesar da correção de aproximadamente 7% no mês, o ouro mantém um papel relevante de diversificação diante dos riscos geopolíticos, fiscais e monetários. Por outro lado, as commodities — em particular o preço do petróleo — parecem apontar para uma assimetria contrária após a forte alta acumulada no ano.

Goldilocks continua sendo o cenário global mais provável

Fora dos EUA, o movimento também foi de normalização monetária. O Banco Central Europeu (BCE) elevou os juros em 25 p.b., para 2,50% a.a. O Banco do Japão levou sua taxa para 1,25%. Na China, diante da fraqueza do setor imobiliário e da atividade, o governo anunciou novas medidas de estímulo.

No conjunto, seguimos trabalhando com um cenário global de *Goldilocks* — ou seja, uma economia "nem quente demais, nem fria demais", com crescimento sólido e inflação contida. Não vemos evidências de inflação persistentemente elevada ou desaceleração mais forte. Os riscos ficaram mais equilibrados, reduzindo a urgência de aumentar *duration* e reforçando nossa preferência pela combinação entre ações e *bonds* intermediários.

Brasil: eleição assume o centro da reprecificação

No Brasil, setembro teve dinâmica diferente. Enquanto o dólar se fortaleceu no exterior, o real mostrou relativa resiliência, a Bolsa avançou e a curva de juros fechou entre 40 e 60 p.b. em diversos vencimentos, com destaque para a parcela longa. O principal vetor deixou de ser o cenário global e passou a ser a eleição.

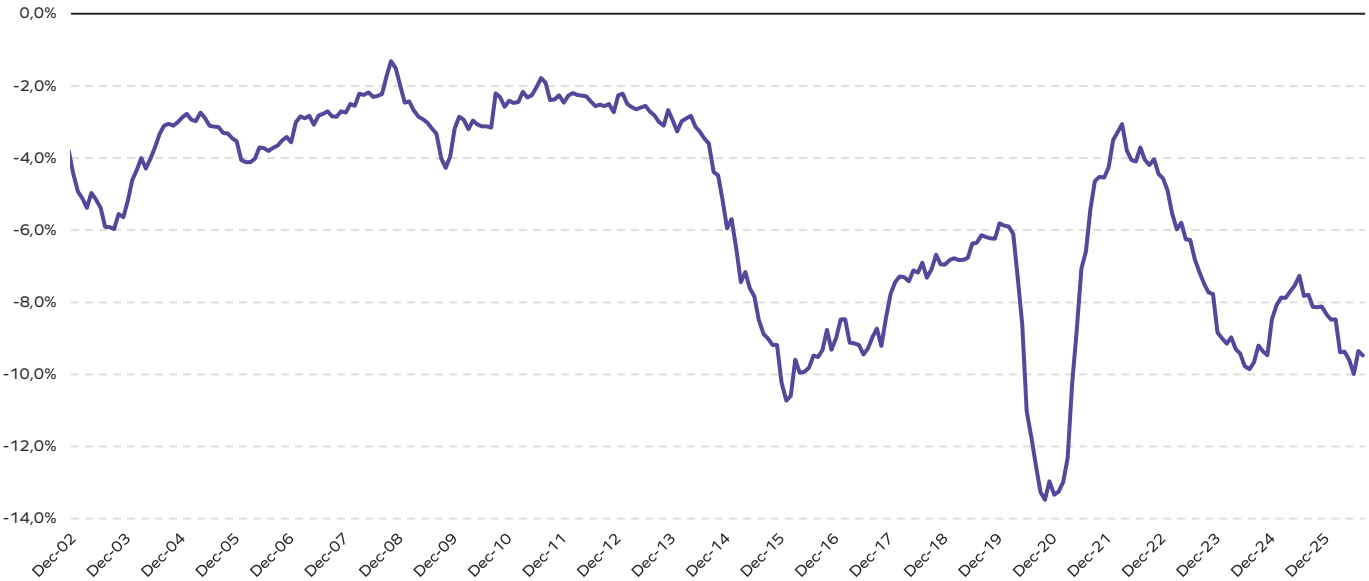
Ao longo de boa parte de 2026, nossa recomendação foi evitar apostas direcionais e concentrar o risco em assimetrias. A combinação entre títulos indexados à inflação e alocação no exterior funcionou bem: os títulos IPCA+ ofereceram carregamento elevado e proteção em cenários adversos, enquanto a alocação no exterior serviu como hedge para riscos fiscais e políticos.

À medida que a eleição se aproximou e as probabilidades começaram a mudar, essa equação também mudou. A variável central para os mercados estava na perspectiva para a política fiscal e a redução dos riscos institucionais a partir de 2027. O Brasil chega ao próximo governo com carga tributária elevada, dívida crescente, déficit fiscal expressivo (Figura 4) e pouco espaço para novos estímulos sem impacto sobre os prêmios de risco.

Um programa capaz de estabilizar a dívida poderia reduzir o prêmio fiscal, os juros estruturais e a pressão inflacionária, criando condições melhores para investimento e crescimento.

Figura 4

Resultado Nominal (% do PIB)



Fonte: Tesouro Nacional

Resultado do primeiro turno reforça a tese

O resultado do primeiro turno reforçou essa assimetria. As pesquisas apontavam uma disputa mais equilibrada, em geral com ligeira vantagem de Lula ou empate técnico, enquanto Flávio aparecia cerca de dois pontos percentuais à frente nos cenários mais favoráveis.

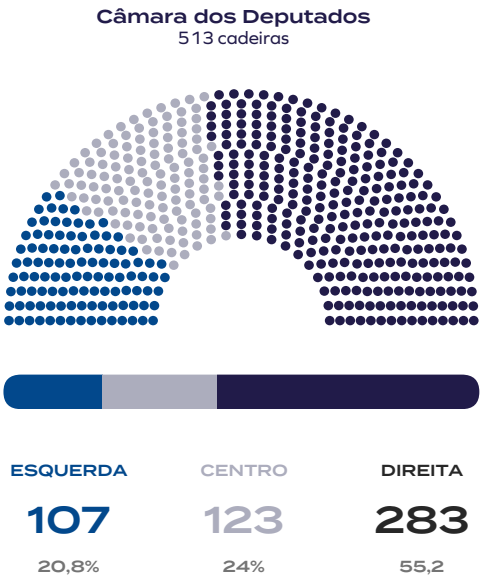
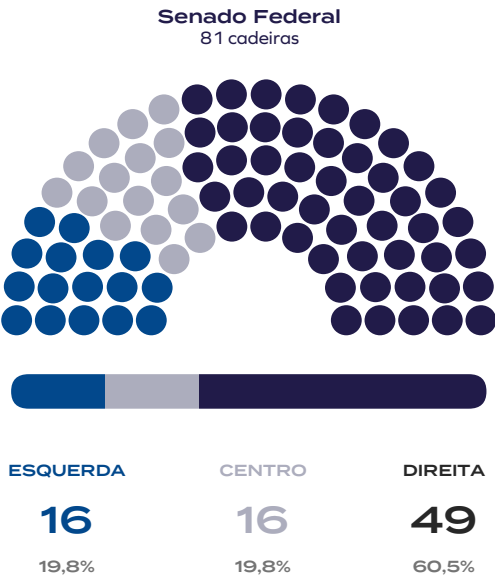
O resultado veio melhor do que o mercado esperava, e os mercados de previsão reagiram rapidamente: a probabilidade atribuída à vitória de Flávio subiu de aproximadamente 65% para perto de 89%.

O movimento foi mais amplo do que a disputa presidencial. A direita conquistou mais de 60% no Senado e mais de 55% na Câmara, enquanto a esquerda ficou próxima de 20% e 25%, respectivamente (Figura 5). O PL também caminha para ser a maior bancada do Senado.

Nos estados, 20 das 27 unidades da Federação definiram seus governadores já no primeiro turno, com ampla prevalência de partidos de direita ou alinhados à direita.

Figura 5

Congresso Nacional 2027
Composição por campo político



Fonte: TSE e Monte Bravo.

Fiscal, juros e alocação

Para os mercados, a leitura mais relevante é o aumento da probabilidade de alternância de poder e, sobretudo, de uma política fiscal mais restritiva a partir de 2027.

Entramos nesse cenário bem posicionados. Ao longo de setembro, recomendamos o aumento à exposição em Brasil, privilegiando bolsa e juros prefixados — ativos que na nossa visão tinham maior espaço para valorização em um cenário fiscal favorável — e financiando parte desse movimento com uma redução em pós-fixados.

Mantemos os títulos IPCA+ como principal convicção na renda fixa doméstica, dado o nível ainda elevado dos juros reais. O posicionamento de investidores locais e

estrangeiros em Brasil segue relativamente leve, o que pode ampliar a reprecificação no curto prazo.

No campo macroeconômico, a atividade doméstica segue perdendo força e trabalhamos com a perspectiva de crescimento baixo no segundo semestre, ou mesmo alguma contração. O Copom reduziu a Selic em 25 p.b. em setembro, para 13,75%, o quinto corte consecutivo na taxa básica de juros.

Um novo corte de 25 p.b. ainda nos parece compatível com os dados correntes, mas a trajetória posterior dependerá cada vez mais da política fiscal a partir de 2027. Ainda assim, uma ancoragem mais crível do âmbito fiscal, aliado a uma atividade fraca, abriria espaço para um ciclo de cortes de juros mais expressivo.

Global e local: viés positivo

Em suma, setembro reforçou uma característica que marcou boa parte de 2026: os mercados globais continuam convivendo de maneira surpreendentemente bem com choques.

Petróleo mais alto, juros maiores e política monetária mais restritiva pressionaram os *bonds*, mas não foram suficientes para comprometer crescimento e lucros corporativos até aqui. Seguimos construtivos com ações globais e enxergamos uma assimetria cada vez mais interessante em renda fixa, embora ainda nossa preferência ainda seja por aguardar maior visibilidade antes de recomendar um alongamento de *duration*.

No Brasil, a mudança foi mais significativa. Passamos boa parte do ano com preferência por proteção, liquidez e carregos, mas a melhora da assimetria nos levou a

recomendar uma elevação do risco local antes mesmo da eleição. O resultado do primeiro turno reforçou essa tese. Mantemos IPCA+ como principal convicção doméstica, mas aumentamos também a recomendação para Bolsa e títulos prefixados.

Ainda restam três semanas até o segundo turno, mas o resultado das urnas tornou o cenário de alternância de poder mais provável. A partir daí, a eleição tende gradualmente a perder protagonismo, e o foco passará a ser a capacidade de transformar uma eventual mudança política em maior credibilidade fiscal.

Nesse contexto, a qualidade da equipe econômica, a capacidade de articulação política e, sobretudo, as prioridades da agenda e sua execução devem passar a ocupar o centro da discussão — e serão determinantes para definir se a próxima pernada de reprecificação dos ativos brasileiros ganhará um caráter mais estrutural.

Performance das Classes de Ativos

S&P 500 e Ouro possuem hedge cambial, ou seja, não possuem exposição à variação do câmbio.

											2012-2026	
2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026	Ann.	Vol.
Brent	Small Caps	Dólar	Small Caps	Dólar	Brent	IHFA	S&P 500	Ouro	Ouro	Brent	S&P 500	Brent
52.4%	49.9%	17.1%	53.3%	29.0%	50.2%	13.7%	34.4%	32.2%	74.8%	67.2%	22.4%	33.0%
Ibovespa	S&P 500	IMA-B	S&P 500	Ouro	S&P 500	CDI	Ibovespa	S&P 500	Ibovespa	S&P 500	Ouro	Small Caps
42.9%	29.5%	13.1%	35.1%	26.9%	32.9%	12.4%	26.1%	31.3%	34.1%	18.5%	15.5%	26.2%
Small Caps	Ibovespa	Ibovespa	IFIX	S&P 500	IPCA	IDA - Geral	Small Caps	Dólar	Small Caps	Ibovespa	IMA-B	Ouro
35.5%	28.2%	12.8%	35.0%	20.5%	10.7%	10.6%	20.7%	27.2%	32.4%	15.6%	10.4%	20.7%
IFIX	Ouro	IRF-M	Ibovespa	IRF-M	Dólar	Brent	Ouro	CDI	S&P 500	CDI	IDA - Geral	Ibovespa
33.4%	21.5%	10.7%	27.1%	6.7%	7.3%	10.5%	20.3%	10.8%	28.6%	10.6%	10.3%	18.7%
S&P 500	IFIX	IDA - Geral	IMA-B	IMA-B	IDA - Geral	Ouro	IRF-M	IDA - Geral	IFIX	IMA-B	IRF-M	Dólar
25.2%	18.9%	9.1%	23.0%	6.4%	6.9%	9.2%	16.8%	8.3%	21.1%	10.2%	10.2%	17.7%
IMA-B	Brent	IHFA	Brent	IHFA	CDI	IRF-M	IMA-B	IHFA	IRF-M	IRF-M	IHFA	IFIX
24.8%	17.7%	7.1%	22.7%	5.5%	4.4%	8.8%	16.8%	6.2%	18.2%	9.3%	10.1%	16.4%
IRF-M	IRF-M	Small Caps	Ouro	IDA - Geral	IHFA	IMA-B	IFIX	IPCA	IDA - Geral	IDA - Geral	CDI	S&P 500
23.4%	14.8%	6.8%	21.5%	5.3%	2.0%	6.4%	15.7%	4.9%	15.7%	7.8%	9.6%	13.3%
Ouro	IMA-B	CDI	IRF-M	IPCA	Ouro	IPCA	CDI	IRF-M	IHFA	IHFA	Ibovespa	IMA-B
21.3%	12.1%	6.4%	12.0%	4.3%	0.1%	5.9%	13.0%	1.9%	15.3%	7.0%	8.4%	10.2%
IDA - Geral	IHFA	IFIX	IHFA	CDI	IMA-B	Ibovespa	IDA - Geral	IMA-B	CDI	IPCA	IFIX	IRF-M
16.0%	12.0%	5.1%	11.1%	2.8%	-1.3%	5.6%	12.4%	-2.5%	14.3%	3.5%	8.0%	6.7%
IHFA	IDA - Geral	IPCA	IDA - Geral	Ibovespa	IRF-M	IFIX	IHFA	Brent	IMA-B	Ouro	Dólar	IHFA
15.9%	11.5%	4.0%	8.6%	0.4%	-2.0%	2.8%	9.5%	-3.1%	13.2%	3.0%	7.0%	4.5%
CDI	CDI	Ouro	CDI	Small Caps	IFIX	Dólar	IPCA	IFIX	IPCA	Small Caps	IPCA	CDI
14.0%	9.9%	2.2%	6.0%	-3.0%	-2.2%	-5.3%	4.7%	-6.0%	4.5%	-0.5%	5.6%	3.6%
IPCA	IPCA	S&P 500	Dólar	IFIX	Ibovespa	S&P 500	Dólar	Ibovespa	Dólar	IFIX	Small Caps	IDA - Geral
7.0%	2.8%	-1.1%	4.0%	-11.0%	-11.8%	-8.1%	-8.0%	-9.4%	-11.4%	-0.5%	5.2%	3.5%
Dólar	Dólar	Brent	IPCA	Brent	Small Caps	Small Caps	Brent	Small Caps	Brent	Dólar	Brent	IPCA
-18.0%	1.8%	-19.5%	3.3%	-21.5%	-15.4%	-11.9%	-10.3%	-21.8%	-18.5%	-5.5%	-0.4%	2.4%

Fonte: Bloomberg e Monte Bravo Family Office. Dados referentes a 30/09/2026.

Fed volta a subir juros e Treasury de 10 Anos supera 5%

Renda Variável

Setembro interrompeu a sequência de cinco altas mensais do S&P 500, que recuou 0,5% e encerrou o mês aos 7.651 pontos. No entanto, o índice ainda acumula ganho de 2% no trimestre.

O movimento foi bastante concentrado: tecnologia foi o único setor com desempenho positivo, enquanto financeiro, materiais e imobiliário recuaram mais de 7% — pressionados pela alta dos juros e do petróleo. As *small caps*, por sua vez, perderam mais de 5%.

O índice ponderado por capitalização superou o *Equal Weight* em 4,6 pontos percentuais — uma diferença historicamente elevada para um único mês — e reforçou o bom momento do índice *Market Weight*.

Seguimos construtivos com a classe, uma visão sustentada pela resiliência dos lucros corporativos. Ainda assim, a alta dos juros longos e a confiança do consumidor americano próxima das mínimas da última década representam riscos que merecem atenção.

Renda fixa

O Fed elevou os juros em 25 pontos-base no dia 16 de setembro, para a faixa de 3,75% a 4,00% ao ano, na primeira alta desde 2023. A decisão foi unânime e as projeções indicam mais um aumento até o fim do ano.

A pressão veio principalmente da parte longa da curva: o juro de 10 anos subiu de cerca de 4,7% para 5,3% ao longo do mês, o maior patamar em quase duas décadas, mesmo com a inflação de agosto vindo abaixo do esperado — o PCE anual ficou em 3,4%, ante projeção de 3,7%.

Com a curva nesses níveis, o carregamento melhora, mas a volatilidade segue elevada e mantemos disciplina na *duration*. Olhamos de forma positiva para *bonds* corporativos de grau de investimento com vencimento entre 3 e 5 anos e para os *Treasuries* como âncora defensiva. No crédito de maior risco, onde os *spreads* continuam comprimidos, recomendamos uma gestão ativa dos investimentos.

Commodities

O petróleo voltou a operar sob pressão, com o Brent oscilando próximo de US\$ 100 e chegando a tocar US\$ 110 após registrar média de US\$ 91 por barril em agosto. Novos ataques a navios no Estreito de Ormuz e o bloqueio americano aos portos iranianos sustentaram a alta do óleo no período.

No fim do mês, o Irã propôs reabrir o Estreito de Ormuz em troca do fim das sanções e do bloqueio. Embora Trump tenha rejeitado a proposta, a retomada das negociações permitiu uma correção parcial dos preços.

O tráfego na região segue em recuperação lenta, com 132 travessias na última semana de setembro, ante 116 na anterior. O fluxo continua muito abaixo dos níveis pré-guerra.

Já o ouro recuou cerca de 5% no mês, para a faixa de US\$ 4.150 a US\$ 4.200 por onça — menor patamar desde o início de agosto. O metal foi pressionado pela alta dos juros reais e pelo fortalecimento do dólar. Seguimos vendo valor no ouro, sobretudo por seu papel estrutural de proteção diante dos riscos geopolíticos.

Mercados domésticos avançam em julho, mas incerteza fiscal e eleitoral mantém viés cauteloso na alocação

Títulos Pós-Fixados

Com a taxa básica de juros em patamares historicamente elevados, os títulos pós-fixados seguem oferecendo um retorno real atrativo, com baixo risco e liquidez para momentos de oportunidade e volatilidade.

Dentro da classe, temos uma visão positiva para os ativos bancários de boa qualidade, enquanto os spreads comprimidos no crédito privado não justificam uma exposição relevante a ativos de qualidade inferior.

Títulos Indexados à Inflação

Os títulos indexados à inflação foram nossa principal convicção entre os ativos domésticos ao longo de 2026.

A classe combina juros reais historicamente elevados, potencial de valorização e proteção em cenários adversos. Essa combinação oferecia uma relação risco/retorno difícil de encontrar em outras classes de ativos.

Em setembro, a melhora das perspectivas eleitorais e a possibilidade de maior disciplina fiscal a partir de 2027 impulsionaram o fechamento da curva de juros reais, especialmente nos vencimentos intermediários e longos. O resultado do primeiro turno reforçou esse movimento, ampliando os ganhos da classe.

Títulos prefixados

A melhora das perspectivas eleitorais e a possibilidade de maior disciplina fiscal a partir de 2027 reforçaram nossa visão positiva para os títulos prefixados.

A combinação de atividade econômica mais fraca com uma eventual ancoragem fiscal mais crível poderia abrir espaço para um ciclo de cortes de juros significativamente mais expressivo, levando a Selic para níveis de um dígito em um cenário favorável.

Essa assimetria melhorou nossa visão sobre a classe ao longo de setembro, antes mesmo do primeiro turno. O resultado das urnas reforçou nossa tese, contribuindo para o fechamento adicional da curva nominal e a valorização dos ativos prefixados.

Fundos Imobiliários

Em um ambiente em que a renda fixa segue oferecendo retornos reais elevados com menor volatilidade, a

competição por capital permanece desfavorável aos fundos imobiliários.

Com *dividend yields* pouco atrativos e cotas negociadas próximas ao valor patrimonial, o prêmio pelos riscos de liquidez e de crédito imobiliário não parece suficiente para justificar uma exposição relevante na classe. Seguimos, portanto, sem convicção na classe.

Fundos Multimercados

A definição do cenário eleitoral pode favorecer o surgimento de tendências mais claras nos mercados, criando um ambiente mais propício para os fundos multimercados.

No entanto, é possível que o investidor capture essas oportunidades diretamente nas classes de ativos, evitando os custos adicionais e a menor transparência dessas estruturas.

Renda variável

A perspectiva de maior disciplina fiscal a partir de 2027 melhorou nossa visão para a bolsa brasileira. Uma consolidação fiscal bem-sucedida poderia impulsionar a classe, tanto pela redução das taxas de desconto quanto pela melhora das perspectivas de crescimento estrutural.

Essa combinação, somada ao cenário eleitoral e ao posicionamento ainda reduzido de investidores locais e estrangeiros, criou uma assimetria favorável para a renda variável. Com isso em mente, vimos mais valor para a classe ao longo de setembro, antes mesmo do primeiro turno. O resultado das urnas reforçou nossa convicção e o potencial de valorização adicional.

Câmbio

Os juros dos *bonds* americanos estão próximos das máximas recentes, enquanto as bolsas globais continuam oferecendo perspectivas favoráveis de valorização, sem *valuations* excessivamente elevados.

Por isso, continuamos enxergando os investimentos internacionais como componentes estruturais de diversificação dos portfólios. No entanto, um cenário eleitoral mais favorável ao ajuste fiscal pode abrir espaço para uma apreciação adicional do real, tornando interessante a utilização de hedge cambial em parte dessas posições.

Performance dos ativos no ano

BOLSAS		YTD	MOEDAS		YTD	COMMODITIES		YTD
KOSPI		63,5%	Colombia (COP)		12,4%	Petróleo Brent		70,1%
Peru (BVL)		38,9%	Brasil (BRL)		5,5%	Petróleo WTI		57,5%
Nikkei 225		34,5%	Coroa Norueguesa (NOK)		4,6%	CRB Index		37,3%
Colombia (COLCAP)		28,8%	Australia (AUD)		4,1%	Trigo		33,3%
Brasil (IBOV)		15,6%	Renminbi / Yuan (CNY)		4,0%	Estanho		29,2%
Nasdaq		15,2%	Dollar Index (DXY)		3,2%	Zinco		28,4%
Russell 2000		13,1%	Russia (RUB)		2,3%	Soja		25,5%
S&P 500		11,9%	Mexico (MXN)		-0,3%	Cobre		15,7%
Euro Stoxx		11,0%	Iene (JPY)		-0,4%	Algodão		14,9%
FTSE 300		10,1%	Pound (GBP)		-1,6%	Milho		13,7%
FTSE 100		9,4%	Peru (PEN)		-2,1%	Alumínio		8,8%
Chile (IPSA)		8,0%	Euro (EUR)		-3,5%	Ouro		-3,7%
Dow		6,5%	Canada (CAD)		-3,7%	Níquel		-5,4%
Mexico (MEXBOL)		1,7%	Franco Suíço (CHF)		-5,5%	Minério de Ferro		-13,8%
Shanghai		-1,3%	Chile (CLP)		-8,2%	Prata		-15,7%
Hang Seng		-2,2%	Coroa Sueca (SEK)		-8,7%	Café		-16,6%
CSI 300		-4,5%	Turquia (TRY)		-14,1%	Platina		-18,2%

TAXAS DE JUROS & BONDS

Juros 10 anos			Juros 2 anos			Spread Soberano (CDS 5 anos)		
LATAM	NÍVEL (%)	YTD (var. p.p.)	NÍVEL (%)	YTD (var. p.p.)		LATAM	NÍVEL (bps)	YTD (var. bps)
Brasil	14,10	0,36	13,74	0,53		Brasil	129,46	-8,86
Chile	6.02*	0.63*	5,21	0,78		Chile	56,86	14,15
Colombia	12,94	0,32	12,58	1,46		Colombia	170,76	-38,58
Mexico	9,63	0,51	8,03	0,54		Mexico	96,02	6,52
Peru	6,67	0,89	4,16	0,33		Peru	68,96	-1,31
MUNDO	NÍVEL (%)	YTD (var. p.p.)	NÍVEL (%)	YTD (var. p.p.)		Crédito Global		
Estados Unidos	5,28	1,12	4,89	1,41			MTD (var.)	YTD (var.)
Alemanha	3,59	0,73	3,21	1,09		Emerging Market Sovereign Bonds	-4,38%	-1,88%
Reino Unido	5,41	0,93	4,91	1,18		Emerging Market Corporate Bonds	-2,34%	-0,73%
Japão	3,07	1,00	1,95	0,77		Developed Market High Yield Bonds	-1,88%	-0,07%
China	1,67	-0,17	1,24	-0,13		Developed Market Investment Grade Bonds	-5,10%	-4,36%

Fonte: Quantum & Bloomberg. Valores referentes a 30/setembro/2026.

*Ativo com série de preço até 23/09/2026.

montebravo

Disclaimer

A MONTE BRAVO CORRETORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS S.A. ("Monte Bravo"), inscrita no CNPJ/ME sob o nº 50.489.148/0001-00, é uma instituição financeira autorizada a funcionar pelo Banco Central do Brasil (BACEN) e não se responsabiliza por eventuais danos decorrentes de falhas em serviços disponibilizados por terceiros. Ressaltamos que toda comunicação realizada pela internet está sujeita a interrupções ou atrasos, podendo comprometer o envio de ordens ou a recepção de informações atualizadas. A Monte Bravo informa que os recursos de seus clientes são mantidos em conta de registro utilizada exclusivamente pela corretora para registro de operações de cada cliente, conforme previsto no Art. 12 da Resolução do Banco Central do Brasil Nº 5.008, DE 24 DE MARÇO DE 2022. Importante destacar que estas contas de registro não se confundem com as contas de pagamento mencionadas nos artigos 6º, inciso IV, e 12 da Lei nº 12.865, de 9 de outubro de 2013. Portanto, esclarecemos que os recursos mantidos em contas de registro não possuem regime jurídico equivalente ao dos recursos mantidos em conta de pagamento, nos termos previstos no art. 12 da Lei nº 12.865, de 2013.

Este material foi elaborado pela Monte Bravo para uso exclusivo do destinatário e nossos clientes, podendo ser divulgado em nosso site. É vedada a reprodução ou distribuição, no todo ou em parte, por qualquer pessoa ou propósito, sem o prévio consentimento expresso da Monte Bravo. Possui caráter meramente informativo, não constitui e nem deve ser interpretado como sendo material promocional, solicitação de compra ou venda, oferta ou recomendação de qualquer ativo financeiro, investimento, sugestão de alocação ou adoção de estratégias por parte dos destinatários. Os prazos, taxas e condições aqui contidas são meramente indicativas e a decisão final do investidor deve ser tomada levando em consideração todos os riscos, os custos e taxas envolvidas. As informações contidas neste relatório foram consideradas razoáveis na data em que ele foi divulgado e foram obtidas de fontes públicas consideradas confiáveis. A Monte Bravo não dá nenhuma segurança ou garantia, seja de forma expressa ou implícita, sobre a integridade, confiabilidade ou exatidão dessas informações. Este relatório também não tem a intenção de ser uma relação completa ou resumida dos mercados ou desdobramentos nele abordados. Os instrumentos financeiros discutidos neste material podem não ser adequados para todos os investidores. Este material não leva em consideração os objetivos de investimento, situação financeira ou necessidades específicas de qualquer investidor. Os investidores devem obter orientação financeira independente, com base em suas características pessoais, antes de tomar uma decisão de investimento. A Monte Bravo não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações divulgadas e se exime de qualquer responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que venham a decorrer da utilização deste material ou seu conteúdo. Os desempenhos anteriores não são necessariamente indicativos de resultados futuros.

Nossos analistas de valores mobiliários envolvidos na elaboração do relatório ("Analistas de Investimento"), declaram que são certificados e credenciados pela APIMEC - Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais para os exercícios de suas atividades. Declaram ainda nos termos da Resolução CVM nº 20 de 25/02/2021, que as recomendações contidas neste relatório refletem única e exclusivamente suas opiniões pessoais sobre a respectiva companhia e seus valores mobiliários e foram elaborados de forma independente e autônoma, inclusive em relação à Monte Bravo e que se eximem de responsabilidade por quaisquer prejuízos, diretos ou indiretos, que possam decorrer na utilização deste e de outros relatórios ou de seus conteúdos. A Monte Bravo:

- Considera transitórias as informações e avaliações contidas neste relatório;
- Não garante, expresso ou implicitamente, que as informações nele apresentadas estejam atualizadas ou sejam exaustivas, verdadeiras, precisas, imparciais ou confiáveis;
- Não tem obrigação de atualizar ou manter atualizadas informações nele contidas;
- Reserva os direitos de modificar, sem prévio aviso, as informações e opiniões constantes deste relatório;
- Não se responsabiliza por resultados de decisões de investimentos tomadas com base nas informações ou recomendações nele contidas; e
- Não atua como Formador de Mercado (Market Maker) das ações objeto desta análise.

As estimativas, projeções, opiniões e recomendações contidas neste relatório:

- Não dispensam a consideração de opiniões e recomendações de outras instituições especializadas no mercado financeiro e de capitais e não substituem o julgamento pessoal de quem o recebe e o lê, no todo ou em parte;
- Não levam em consideração as circunstâncias específicas dos investidores, tais como perfil de investidor (Suitability), objetivos de investimento, situação financeira e patrimonial e tolerância a risco, podendo não ser adequadas para todos os investidores, sendo recomendada uma consideração extensiva destas circunstâncias antes da tomada de qualquer decisão;
- Estão isentas de conflito de interesse por parte de seus elaboradores;
- Estão sujeitas a alterações sem prévia notificação e podem diferir ou ser contrárias a opiniões expressas anteriormente pela Monte Bravo, por outras instituições financeiras do mercado e mesmo de outras áreas de atuação da Monte Bravo, que podem se fundamentar em hipóteses e critérios diferentes dos adotados na elaboração deste relatório; e
- Decorrem de julgamento e de opiniões formadas livremente pelos analistas da Monte Bravo encarregados das análises da economia, de cada companhia emissora e de cada ação, e baseadas em critérios técnicos por eles aceitos como consistentes com os fins a que se destinam.

Este relatório não pode ser copiado ou distribuído, total ou parcialmente para qualquer finalidade, sem o consentimento expresso da Monte Bravo.